Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo • Administrador — Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua de Homem Cristo, 20 — Telefone 23886 — AVEIRO

Ligeiros apontamentos sobre a ESCOLA INGLESA

pelo Dr. ANTÓNIO DA ROCHA E CUNHA

DO convívio com gente estranha de outros países, mesmo dentro de escolas, alguma coisa fica sempre além do que é estritamente de interesse profissional. Ferem-nos a alma, ou cativam-na, costumes desconhecidos, novas perspectivas de encarar a vida, atitudes diferentes das nossas perante as coisas mais elementares do dia-a-dia, etc.. Em suma, aquilo que dá individualidade a cada povo e o diferencia dos outros.

Numa atitude comodista, nós em geral costumamos atribuir os traços mais notáveis deste ou daquele povo, e as suas reacções perante as coisas, quase exclusivamente ao temperamento. E' uma atitude negativa, pois a verdade é que há muito que se deve à educação, a educação iniciada em casa dos pais e continuada na escola, que impõe normas de conduta e cria hábitos. Pode-se ser triste ou alegre por temperamento, mas os hábitos de limpeza e ordem, por exemplo, podem-se adquirir. Dependem da educação, com certeza. Os bons hábitos são transmissíveis a qualquer pessoa por efeito da educação, e não devemos, por isso, dizer com pessimismo: esta ou aquela virtude é de facto uma maravilha; mas, com o nosso temperamento, não é coisa para nós. Não a podemos adquirir.

Claro que o que se diz acerca de um povo, e portanto aquilo que eu vou dizer, não pode ser tomado com rigor universal. Porque a verdade é que sobre os povos não são fáceis as afirmações gerais. Por comodidade, o que aliás é humano, nós usamos cair no costume perigoso de generalizar alguns exemplos que conhe-

Continua na página 7

FOGO NO RIO — *3.º prémio do* I Salão Nacional de Arte Fotográfica de Aveiro, *feliz iniciativa da Secção Fotográfica do Clube dos Galitos. É seu autor o artista amarantino* Eduardo da Costa Teixeira Pinto

Sobre a Guerra de 1914-1918

Uma nótula do Tenente GONÇALO MARIA PEREIRA

NO próximo dia 11, completa-se o 42.º aniversário da assinatura do Armistício que deu fim à Primeira Grande Guerra, na qual Portugal foi obrigado a tomar parte em defesa do seu património. Dentro de alguns anos — que poucos já serão — nada se saberá dessa Guerra para além do que consta da sua história. Mas até ao fim do último dos que, como eu, nela intervieram, haverá sempre casos inéditos que merecem ser recordados e tornados públicos — principalmente quando revelam virtudes dignas de louvor e de gratidão.

Desta vez, vou referir-me a um aveirense ilustre — embora, como eu, adoptivo — que na Expedição a Moçambique, em 1916-1917, foi cognominado, pelo pessoal do 3.º B. I. do R. I. n.º 24, de «Pai dos Soldados».

Em princípio de Julho de 1916, estacionaram as tropas expedicionárias em bivaques situados num planalto, distanciado cerca de um quilómetro, para Oeste, do Porto de Palma, no Norte de Moçambique.

Ali se aguardava a chegada dos navios transportadores do armamento, do material e dos solípedes para se iniciar a campanha, que começaria pela marcha de aproximação até à margem direita do Rovuma — frente ao inimigo — e a travessia daquele rio, próximo da sua foz.

A chegada dos transportes demorou cerca de dois meses, devido às dificuldades postas à navegação mercante aliada pelos submarinos alemães. E como as tropas nunca podem estar inactivas — ao contrário do que muitos leigos supõem — era necessário movimentá-las. Por isso o Quartel General determinou que se fizessem exercícios sobre serviços de campanha, mesmo sem armamento nem equipamento.

Ainda o dia estava sabe Deus onde, já o som das cornetas e dos clarins rasgava os espaços com os seus estridentes toques da alvorada. Tomava-se a leve refeição do café e, ainda de noite, marchava-se para a selva. Rompendo matagais encharcados e capim cheio de orvalho, ficava-se como se, mesmo vestido, se tivesse tomado um banho. Raiava o sol e, dentro de pouco tempo, o calor enxugava as roupas nos corpos. Regressava-se do exercício esgotado fìsicamente — com a agravante de, durante a noite, muitos terem já suportado, nas tendas-abrigos, as inevitáveis e nocivas picadelas do «anofele».

Compreende-se, assim, que as febres palustres co-

Continua na página 6

O quinto prémio do I Salão Nacional de Arte Fotográfica de Aveiro, *foi atribuído a* COMPOSIÇÃO FANTÁSTICA, *da objectiva de* António das Neves Rodrigues, *de Lisboa*

O ABOMINÁVEL HOMEM DO RÁDIO PORTÁTIL

Comentário do Dr. JOSÉ MANUEL CANAVARRO

A noite está de estrelas e muito macia de temperatura neste principiar de Novembro. Com os olhos ambos tangenciando a ponta do nariz, procuramos lobrigar, no espaço infinito, o prodígio sideral da nossa era de espantações. E é entre duas longas miradas do sinuoso «Eco» — atitude de prospecção cósmica a olho nú, por certo ininteligível para os nossos avoengos, burguêsmente satisfeitos com as suas impávidas e extáticas Ursas Maior e Menor — que nos ocorre a mefistofélica e arripiante visão de um outro prodígio do ano, tão prolífico em coisas fora do normal e assustadoras: o ente singular, caprichosamente esculpido em galenas ou germânios, com várias frequências moduladas ou brutas, transistorado dos pés à cabeça: o homem do rádio portátil!

Os compositores da chamada música de fundo — melhor talvez de efeito ou superfície — das fitas cinematográficas, usam caracterizar cada personagem importante por uma frase melódica, que depois de se esboçar no conjunto harmónico do arranjo, entrecruzada

Continua na página 4

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 de Outubro de 1960, exarada no L.º N.º 369-A, de fls. 32 a fls. 34, do arquivo deste cartório, entre Carlos Alberto Génio da Silva e Henrique dos Santos Vieira, foi constituida uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma *Vieira & Génio, Limitada*, terá a sua sede em Aveiro e o seu estabelecimento e domicílio vai ser na Rua do Batalhão de Caçadores Dez, número quarenta e dois, nesta cidade.

SEGUNDO — O objecto da sociedade é a exploração do comércio de tecidos de algodão e qualquer outro ramo de comércio em que os sócios acordem e não dependa de autorização especial.

TERCEIRO — A sociedade durará por tempo indeterminado e o seu começo há-de contar-se desde hoje.

QUARTO — O capital social, totalmente realizado em dinheiro, é de quarenta contos, formado por duas quotas, uma de vinte mil escudos pertencente ao sócio Carlos Alberto Génio da Silva e outra de igual importância pertencente ao sócio Henrique dos Santos Vieira.

QUINTO — Ambos os sócios são gerentes sem caução e sem remuneração. Para obrigar a sociedade, em Juízo e fora dele, são necessárias as assinaturas de ambos os gerentes.

SEXTO — A firma social não poderá ser usada em actos estranhos aos negócios da sociedade e, muito especialmente, em abonações, fianças e letras de favor.

SÉTIMO — Até ao último dia de Fevereiro de cada ano será dado balanço referido a trinta e um de Dezembro anterior. Os lucros líquidos, se os houver, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para a constituição ou reintegração do fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas. Na mesma proporção serão suportados os prejuízos, quando os haja.

OITAVO — A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer dos sócios, se o sócio sobrevivo e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito assim resolverem. Se o sócio sobrevivo optar pela dissolução da sociedade, pagará aos herdeiros ou representante do outro sócio aquilo que balanço dado na ocasião provar pertencer-lhes. O pagamento será efectuado no prazo de seis meses a contar da morte ou interdição do sócio e a quantia apurada não vencerá *quaisquer* prédios, digo: *quaisquer* juros.

NONO — No caso de dissolução da sociedade, serão liquidatários todos os sócios que à liquidação e partilha procederão como combinarem. Fica desde já estabelecido que se mais de um sócio desejar ficar com todo o activo e passivo da sociedade, entre os sócios se abrirá licitação sendo adjudicado o activo e passivo da sociedade àquele que maior quantia oferecer.

DÉCIMO — Todas as questões que surjam entre os sócios ou entre algum ou alguns destes e os herdeiros ou representante de outro ou outros na interpretação ou em cumprimento do pacto social serão resolvidos no Tribunal da Comarca de Aveiro, com renúncia expressa a qualquer outro.

DÉCIMO PRIMEIRO — No omisso, regularão as disposições da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um e as da demais legislação aplicável.

Aveiro, 27 de Outubro de 1960

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

Por este se faz público que foi distribuida à primeira Secção de Processos do Primeiro Juízo de Direito desta Comarca, uma acção especial que Diamantino dos Santos Areias, casado, agricultor, residente no lugar das Mesas, freguesia do Covão do Lobo, Julgado Municipal de Vagos, desta Comarca, move contra Manuel dos Santos Areias, solteiro, maior, residente no referido lugar, para o efeito de ser decretada a sua interdição total por demência.

Aveiro, 29 de Outubro de 1960

O Juiz de Direito,
Francisco Mendes Barata dos Santos

O Chefe de Secção,
Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ Aveiro, 5-11-1960 ★ N.º 315

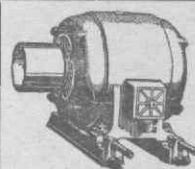
MOTOR, VENDE-SE

— com as seguintes características: Marca-PATAY, força-35 cv., rotações-1 000. Informa na Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 49-1.º.

Quarto para Cavalheiro

Aluga-se. Falar na Rua do Tenente Resende, n.º 37 AVEIRO

Explicações de Matemática

Dá licenciada em Matemática. Tel. 22 586

SECRETARIA JUDICIAL

Anúncio

Comarca de Aveiro

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Aveiro, 2.ª Secção de Processos, pendem uns autos de acção ordinária (investigação de paternidade ilegítima), que João de Oliveira Mónica, casado, alfaiate, morador na Gafanha da Encarnação, move contra os réus Maria Rosa Martins e outros, e, nos mesmos autos, correm éditos com a dilação de 30 dias, citando os interessados-réus Mário Ferreira Ribau e mulher, Custódia Rodrigues Marinho, agricultores, residente em parte incerta do Canadá, mas com o seu último domicílio conhecido na Gafanha da Encarnação, para no prazo de 20 dias, findo aquele prazo, contestarem os aludidos autos, sob pena de, não o fazendo, o processo seguir seus regulares termos.

Aveiro, 21 de Outubro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,
João Alves

Verifiquei:

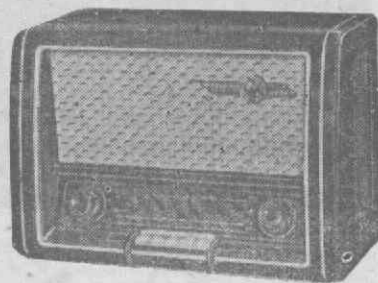
O Juiz de Direito,
Francisco Mendes Barata dos Santos

Litoral ★ Aveiro, 5-11-1960 ★ N.º 315

Casa — precisa-se

— para 3 pesssoas, moderna, mobilada, c/ quarto de banho. Nesta Redacção se informa.

Vende-se

— Fourgoneta Ford, Mod. A, caixa aberta. Peso b. 3.120 kgs., em bom estado. Vende barato.
Rua das Marinhas, 46 — AVEIRO

PRÉDIO

Aluga-se para habitação e estabelecimento.
Tratar na Rua do Tenente Resende, n.º 17-1.º — Aveiro

Compra-se

Livro de *Ciências Geográfico-Naturais* 1.º ano (Autor: A. Tomás Vieira), da 9.ª edição, em bom estado. Não importa ser usado.
Nesta Redacção se informa.

Reformado

— para fiel de Armazém, com conhecimentos de dactilografia, preenchimento de mapas e folhas semanais.
Informar pelo telef. 23909.

Trespassa-se

Casa Vieira

Vinhos e comidas. Rua do Tenente Resende, 44 — AVEIRO

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL | Campeonato Nacional

II Divisão | COMENTÁRIO GERAL

Assinalada, e bem, ficou a sexta jornada da competição, já que, finalmente, o guia sofreu uma derrota. Foram os albicastrenses os autores do cometimento, vencendo por margem folgada a Oliveirense, que, embora cedendo os primeiros pontos, continua isolada no posto cimeiro.

Mas para além do desaire dos homens de Azeméis, outro facto teve larga repercussão, relativamente aos desfechos de domingo: referimo-nos ao rotundo triunfo que o Marinhense — agora só a um ponto do *leader*... —, num alarde de indesmentível valor, obteve em S. João da Madeira.

Merece ainda uma palavra especial o empate conquistado pelos flavienses em Coimbra, e a réplica que Vianense, Feirense e Peniche ofereceram em Torres Vedras, Caldas da Rainha e Aveiro, respectivamente. O Boavista derrotou naturalmente o Gil Vicente.

Sobre o encontro de Aveiro, há que saudar-se o primeiro triunfo oficial que os beiramarenses alcançaram esta época no seu recinto, depois dos empates cedidos ao Torriense e ao Marinhense. A equipa podia ter chegado a um *score* desnivelado, e teve de se contentar com um êxito tangencial, é certo; mas a verdade é que conseguiu os desejados pontos de vitória...

Ainda, antes de concluir, um aceno de simpatia ao comportamento dos feirenses, que, outra vez, apenas cederam tangencialmente — e, tal como nos jogos com o Chaves e com o Boavista, perto já do termo da partida. Têm sido pouco felizes (além de altamente prejudicados) os homens da Vila da Feira, que, amanhã, terão um encontro de grande responsabilidade, frente ao União de Coimbra, com quem, de momento, partilham a indesejável *lanterna-vermelha*. É que, por castigo imposto aos feirenses, o desafio terá de se disputar em campo neutro...

no 6.º DIA

Boavista, 3 — Gil Vicente, 1
C. Branco, 3 — Oliveirense, 0
Caldas, 3 — Feirense, 2
União, 1 — Chaves, 1
Beira-Mar, 3 — Peniche, 2
Torriense, 1 — Vianense, 0
Sanjoanense, 0 — Marinhense, 4

Beira-Mar, 3 — Peniche, 2

O terreno apresentou-se, devido à chuva, bastante lamacento, exigindo redobrados esforços e cuidados aos jogadores das duas equipas. Os aveirenses, menos dotados fìsicamente (no Peniche, apenas o interior Duarte é mais frágil), haveriam de sentir mais dificuldades, ao longo de toda a partida, já que lhes cumpria jogar ao ataque, para obter o triunfo de que necessitavam. E bem se sabe que, com terrenos enlameados, um quinteto dianteiro pouco possante tem muito mais dificuldades para se impor a uma defesa forte, bem conjugada no intuito de destruir e disposta a não consentir golos.

O Beira-Mar entrou a jogar em boa velocidade, dominando claramente no primeiro quarto de hora. Fez um golo (6m.) e perdeu excelente ensejo de aumentar esse avanço, quando Garcia, aos 14m., completamente isolado, bateu Oliveira Martins... mas enviou a bola para fora!

Depois, com a marca negativa, o Peniche equilibrou o encontro, e sacudiu a pressão dos beiramarenses, cujo ataque não finalizava convenientemente. Na realidade, os remates não surgiram na proporção da excelente produção da equipa. E assim foi que o Peniche, no seguimento de um canto (24m.) conseguiu chegar à igualdade. Atingiu-se o intervalo com os grupos empatados — tanto por demérito dos avançados locais e por mérito dos defensores visitantes (felizes nos quantos lances), como porque o árbitro deixou em claro um *penalty* em que António Maria incorreu (34m.), ao derrubar irregularmente o argentino Garcia.

Insatisfeitos com 1-1 e intranquilos quanto ao desfecho final, os beiramarenses, no reatamento, começaram a todo o gás: a finalização, no entanto, continuou a ser deficiente — por isso não surgindo os almejados golos. Aos 54m, o juiz de campo deixou em claro novo *penalty*, desta vez provocado por Varela, que rasteirou Pau-

Continua na página 6

Da minha janela ...

No domingo, junto a nós, no desejo visível de justificar o modo confuso de evoluir do onze de futebol do Beira-Mar alguém, muito a sério, censurou os descontentes — que eram quase todos os assistentes — e saiu-se com esta máxima lapidar:

— São uns leigos! Sabem lá vocês o que é jogar em turbilhão...

Sempre se ouve cada uma!!!

1 O Campeonato Distrital de Aveiro, em futebol, ao fim de oito jornadas de emotividade sempre crescente, conhece um novo guia — o Recreio Desportivo de Águeda.

O facto, assim, sem mais comentários, pouco diria, se no torneio não tomassem parte equipas como o Sporting Clube de Espinho e Associação Desportiva Ovarense. Na verdade, lutando quase exclusivamente com a chamada «prata da casa», os aguedenses têm vindo a fazer brilharete, dando fortes esperanças de se imporem na fase de apuramento para a II Divisão Nacional, já que no Distrital têm demonstrado valor para bem se imporem aos restantes, mesmo aos mais consagrados.

Uma vez que os êxitos e os desaires de uma equipa têm a sua quota parte no treinador, é justo salientar o nome de Daniel Silva, um homem de futebol sobejamente conhecido dos aveirenses, pelo seu magnífico trabalho em profundidade.

Sabemos que Daniel renovou quase totalmente a que foi equipa dos Totas e dos Lélés, pelo que o evento do Recreio tem um sabor especial.

Em Águeda sempre existiu boa matéria prima. Faltava quem soubesse aproveitar a habilidade nata das suas gentes. Mas, eis que, providencialmente, lhes apareceu um homem que, com um bocadinho mais de *sumo diplomático*, poderia tornar-se dos maiores treinadores portugueses.

Poderá parecer exagerada a nossa afirmação; mas, para quem conhece as qualidades de trabalho de Daniel Silva, ela é absolutamente justa e merecida, mesmo que a equipa do Recreio, dados os imponderáveis do futebol, não vá além do Distrital.

2 Parafraseando a *abertura* tão em voga nos homens da Rádio e da Televisão, «não há dúvida nenhuma» de que custa muito ver um atleta nado e criado numa colectividade abandonar, sem motivo aparente, o meio que lhe deu o ser.

Só por esse facto não lamentamos deveras o ambiente que rodeou o jogo de basquetebol disputado entre o Illiabum e o Beira-Mar. Houve, contudo, excessos que, com um pouco de senso, poderiam ter sido evitados, já que um efémero jogo desportivo não pode nem deve servir para desencadear paixões abrasadoras...

Sentimos quanto custou aos ilhavenses ver o Paroleiro e o Rosa Novo lutarem contra as cores do seu Clube: mas, se bem pensamos, o caso não é virgem. Porquê, portanto, todo aquele espectáculo que levou, até, os mais sensatos, a perderem a serenidade? Estamos a ver a atitude impensada de Elmano, com o arrependimento imediato estampado no seu gesto, abandonando o rectângulo acabrunhado e, temos a certeza, envergonhado.

Claro que ele foi uma das vítimas do ambiente gerado à volta do encontro; mas não podemos esquecer, igualmente, a tarefa dos árbitros a quem o público tudo fez para contrariar na sua acção e que, não satisfeito, tentou diminuir, culpando-os duma derrota, que talvez fosse evitada se a turbulência exterior não tivesse influenciado os atletas, que, por isso mesmo, não actuaram com a serenidade que o momento impunha.

É evidente que os árbitros erraram; mas quem faria melhor naquele ambiente?

Só esperamos que as nossas palavras sejam bem medidas e possam servir para melhor compreensão dos desportistas ilhavenses que, em muitos momentos, têm dado provas da mais sã mentalidade desportiva.

3 Se bem nos informaram, os dois Clubes mais representativos da cidade vão possuir recintos privativos para a prática das chamadas modalidades pobres.

O Clube dos Galitos e o Sport Clube

Continua na página 6

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

Desta vez, no quarto dia de prova, apenas um visitante conseguiu regressar vitorioso. Esse grupo foi o Beira-Mar, que passou o difícil obstáculo de Ílhavo, contrariando as previsões que se faziam em determinados sectores, concedendo inteiro e amplo favoritismo ao Illiabum. Deste modo, os beiramarenses isolaram-se no segundo posto.

Nos outros encontros da jornada — o jogo Galitos Cucujães realizou-se na segunda-feira, a pedido dos aveirenses, que pretendiam assistir à partida de Ílhavo... —, registaram-se triunfos normais do Sangalhos, do Esgueira e do Galitos. Apenas surpreenderam um tanto os números finais que fixaram a vitória do Sangalhos sobre o Águias.

O Galitos, até agora o clube que sofreu menos pontos — o Beira-Mar é o grupo com mais pontos marcados —, tem vindo a ceder sòmente 20 pontos em cada desafio dos quatro até agora efectuados. Trata-se de uma curiosa coincidência, que se regista.

A classificação está assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	4	4	—	—	140-80	12
Beira-Mar	4	3	—	1	158-123	10
Esgueira	4	2	—	2	129-121	8
Sangalhos	4	2	—	2	117-114	8
Illiabum	4	2	—	2	116 124	8
A'guias	4	1	—	3	107-124	6
Sanjoanense	4	1	—	3	106-130	6
Cucujães	4	1	—	3	81-126	6

A prova contiua hoje, com quatro encontros em que os concorrentes se agrupam desta forma: *Sangalhos-Galitos*, em S. João da Madeira, com início às 22 horas (as reservas jogam pelas 21 horas); *Cucujães-Illiabum*, em Cucujães, *Beira-Mar-Sangalhos*, em Aveiro, e *Esgueira-Águias*, em Aveiro (Campo da Alameda).

Galitos, 38 — Cucujães, 20

Árbitros — Carlos Neiva e Manuel Arroja.

GALITOS — Albertino, José Fino 9, Luís Robalo 2, Artur Fino 10, Arlindo 11, Júlio 2, João, Raul e Hernâni 4.

CUCUJÃES — Silvestre, Bastos, Jorge, Ramalhosa 3, José António 13, José Luís 2 e António.

1.º tempo: 20-13. 2.º tempo: 18-7.

Os locais conseguiram 17 cestas de campo e converteram 4 lances livres em 14 tentados (28,57 %); e os visitantes obtiveram 9 certas e transformaram 2 dos 10 lances livres de que beneficiaram (20 %).

A partida concitou diminuto interesse entre o público, tendo sido bastante mal jogada. Na realidade, nem o Galitos convenceu ninguém, com uma actuação frouxa e discreta, nem o Cucujães agradou, ao actuar sòmente com o intuito de perder por poucos.

Diga-se, porém, que os cucujanenses conseguiram, em parte, os seus intentos até meio do segundo tempo, altura em que o score começou a subir. Mas, para isso, negaram-se ostensivamente os cucujanenses a atirar ao cesto, o que desvalorizou o desafio como espectáculo.

Arbitragem sofrível.

Illiabum, 33 — Beira-Mar, 42

Árbitros — Albano Baptista e Manuel Bastos.

ILLIABUM — Balseiro 2, Gilo 4, Jorge 2, Elmano 2, Cachim 11, Charlim, Matias 8, Balau 4, Branco e Pedro.

BEIRA-MAR — Necas 4, Feliciano 11, Rosa Novo 4, Paroleiro 9, José Luís Pinho 12, Luís Maria e José Luís Pimenta 2

1.º tempo: 17-21. 2.º tempo: 16-21.

Os ilhavenses conseguiram 14 cestas de campo e converteram 5 lances livres em 17 tentativas (29,41 %); e os beiramarenses marcaram 13 cestas de campo e transformaram 16 lances livres dos 35 de que beneficiaram (45,71 %).

O Estado Municipal de Ílhavo registou grande afluência de público — e, parece-nos, nunca, em jogos do torneio regional, acolheu tão elevado número de espectadores De Aveiro, deslocaram-se muitos desportistas, que, na sua quase totalidade, *torceram* abertamente pelo Beira-Mar.

O Illiabum começou melhor, e cedo se colocou a vencer por 5 0 e 7-1; os beiramarenses, sem se impressionarem com o ambiente, actuaram com muita calma e muita visão, e conseguiram igualar ainda aos 7-7. Depois, até o

Continua na página 6

XADREZ DE NOTÍCIAS

Por motivo da interdição do Campo do Montinho, da Vila da Feira, o encontro de futebol Feirense — União de Coimbra, do Campeonato Nacional da II Divisão, foi marcado para o Campo do Conde Dias Garcia, em S. João da Madeira.

A Comissão Central de Árbitros de Voleibol vai promover, com início em 5 de Dezembro, um curso para juízes daquela modalidade, denominado I ESCOLA DE ÁRBITROS. As inscrições, que encerram em 15 de Novembro corrente, podem ser feitas na Comissão Central e na Associação de Voleibol de Lisboa.

A Direcção do Beira-Mar, em sua reunião de segunda-feira passada, louvou os basquetebolistas do Clube que tomaram parte, no pretérito sábado, no encontro oficial Illiabum — Beira-Mar.

Na terça-feira finda, dia primeiro de Novembro corrente, a Oliveirense derrotou a Sanjoanense, por 4-2, num encontro particular de futebol cuja receita reverteu em fa-

Continua na página 6

JOGO PARTICULAR

Beira-Mar, 3 — Covilhã, 3

No passado dia 1, muito público presenciou, no Estádio de Mário Duarte, o encontro amistoso entre o Beira-Mar e o Sporting da Covilhã, que ocupa o terceiro lugar do Campeonato Nacional da I Divisão, neste momento.

Sob arbitragem do sr. Jorge Silva, auxiliado pelos srs. Eduardo Panão (bancada) e Pereira da Costa (peão), os grupos apresentaram, inicialmente:

BEIRA-MAR — Violas; Louceiro, Liberal e Jurado; Amândio, Liberal e Marçal; Miguel, Amaral, Garcia, Laranjeira e Paulino.

(No recomeço, Evaristo, Sarrazola e Hassane Aly substituiram Jurado, Laranjeira e Marçal, respectivamente; e, cerca dos 70 m., Correia ocupou a posição de Miguel).

COVILHÃ — Rita; Helder, Doris e Barrocas; Coreles e Lãzinha; Martinho, Pérides, Suarez, Picareta e Manteigueiro.

(Os serranos operaram, também, diversas substituições, começando, ainda na metade inicial, por trocar Picareta e Doris por Gabriel e Walter; no segundo tempo, Alves Pereira substituiu Rita, Martin rendeu Walter, e Picareta regressou, em vez de Martinho).

Durante o período inicial, só se viu uma equipa — e essa foi a do Beira-Mar, que dominou e se impôs de forma clara e confundiu os covilhanenses. Os jogadores de Aveiro, com ascendente notório no centro do terreno — por influência

Continua na página 6

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — AVEIRENSE. Domingo — SAÚDE. Segunda-feira — OUDINOT. Terça-feira—MOURA. Quarta-feira—CENTRAL. Quinta-feira — MODERNA. Sexta-feira — ALA.

A CIDADE

Notícias animadoras sobre o preço do sal

Conforme noticiámos no último número, diversas entidades têm telegrafado ao sr. Secretário de Estado do Comércio chamando a sua esclarecida atenção para o momentoso problema do preço do sal, que afecta grandemente os salgados de Aveiro e da Figueira da Foz, e pedindo-lhe a sua actualização em bases de escrupulosa justiça.

Temos conhecimento de que se lhe dirigiram, neste sentido, o Grémio do Comércio de Aveiro, as Juntas da Freguesia da Vera-Cruz, da Glória e da Gafanha da Nazaré, os Párocos da Vera-Cruz e da Glória, os semanários «Correio do Vouga», «Ecos de Cacia» e «Ilhavense» e os correspondentes em Aveiro de diversos órgãos da Imprensa diária.

Telegrafaram também àquele ilustre membro do Governo a Comissão Concelhia da União Nacional, o Comando Distrital da Legião Portuguesa e a Câmara Municipal de Ílhavo.

O interesse manifestado por estas e por outras entidades, designadamente pelos srs. Governadores Civis de Aveiro e de Coimbra, revela bem a importância do problema, cuja gravidade é bem conhecida e desnecessário se torna encarecer.

Esperamos muito confiadamente que o sr. Secretário de Estado do Comércio não tardará a resolvê-lo, com a clarividência e a justiça que a sua formação intelectual e moral nos garantem.

Segundo informações fidedignas que recebemos, aquele ilustre membro do Governo vai acudir à precária situação dos produtos salineiros, aumentando desde já o preço do sal, e estudará, depois, pessoalmente, o problema, em ordem a procurar-lhe a solução definitiva mais ajustada.

Folgamos com estas notícias e damos o nosso mais vivo aplauso à criteriosa atitude do sr. Secretário de Estado do Comércio.

Atrevemo-nos a sugerir ao ilustre membro do Governo uma visita à cidade de Aveiro, que com tal deferência se sentiria muito honrada. Estamos seguros de que poderá colher aqui elementos preciosos para o seu estudo, ouvindo a Secção Diferenciada do Sal do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo e os produtores salineiros mais esclarecidos, corrigindo deste modo informações menos exactas, que necessàriamente induzem em erro.

O Abominável Homem do Rádio Portátil

Continuação da primeira página

com outros motivos orquestrais, volve a acentuar-se mais nítida, de cada vez que a personagem figura em cena, em termos de a anunciar e constituir, por assim dizer, a sua síntese do ponto de vista auditivo. Com tal ponto de partida, cada protagonista conserva a sua envergadura própria, inconfundível, bem mordida. E o espectador pode, mesmo sem olhar a pantalha, reconstituir todos os momentos da intervenção mais ou menos dramática da figura ou figuras centrais de todo o filme.

De modo muito semelhante, no filme doméstico dos nossos fins de semana, não nos é assaz difícil, mesmo sem levantar a cabeça do colchão onde repousamos à beira-mar; sem afastar os olhos da paisagem que apreciamos nas altitudes; sem desviar os ouvidos da conversa que estejamos a seguir numa esquina aprazível da nossa rua; mesmo sem comprometer a atenção desportiva dedicada a entusiástico jogo da bola, não nos é difícil — repetimos — reconhecer pelos sibilos das hiantes goelas duma caixinha de música portátil, essa encarnação engenhosíssima de sandice, esse bestialmente burlesco que quase nos convence possuir dotes de obiquidade, tal ideia nos dá de aparecer em toda a parte e a toda a hora, envolto nas mais levianas ondas sonoras.

E o pior, mas muito pior, caros leitores — e disso podem ficar absolutamente certos — se, nos tempos que correm, não possuem um rádio portátil, mais dia menos dia, mais tarde ou mais cedo, o destino bater-vos-á à porta na forma de um presente, de um brinde, de um prémio de concurso, sorteio ou rifa, ou na pessoa de um atencioso e sorridente agente de vendas.

Hoje, com efeito, as facilidades de compra são enormes e as tentações tão difíceis de resistir, que só com uma grande força moral podem algumas pessoas continuar existindo sem uma malinha sonora.

Não há dúvidas; vivemos numa época onde não há termos médios.

Ou se compra um abominável aparelhómetro falante — da noite para o dia — ou se fica atrasado minutos no indispensável, no imprescindível conhecimento imediato de tudo que se passa no mundo: humilhação insuportável para os abomináveis radioambulantes.

Os aparelhos dançam às dezenas à nossa volta. Dançam nas capitais e nas mais modestas cidades de província; dançam nas grandes urbes e nas mais humildes povoações. Dançam nas praias, nas serras e no campo; dançam nos estádios e nas romarias; nas estradas e nas ruas, pendurados das garras aduncas desses alvares que nem sequer os lugares sagrados de culto e oração respeitam, como já foi notado na Cova de Iria.

Nestas circunstâncias, resistir à tentação da ignomínia, pelo pretexto da actualização, aos olhos das pessoas de bom senso, poderá ser acto heróico, se não precisamente por respeito à moralidade, pelo menos por reparos de bom gosto.

Em tempos que já lá vão, era muito difícil, econòmicamente impossível para certa classe de pessoas, realizar determinadas aquisições de objectos inúteis e de luxo e, por isso, o acto de compra tinha mérito exibitivo incontestado.

Hoje, pelo contrário, o difícil é não comprar; mas isto não o consegue quem quer mas sim quem pode, isto é, quem logra viver sem a triste e monótona necessidade de descansar o espírito.

E já que estamos em maré de crítica construtiva, vai daqui uma sugestão. Se já se fizeram filmes sobre toureiros, jogadores da bola, cantadeiras de fado e ciclistas, tendo os respectivos realizadores dado cabo da reputação dos biografados, por que não utilizar numa fita de carácter eminentemente social este aliciante tema: O ABOMINÁVEL HOMEM DO RÁDIO PORTÁTIL?

Música de fundo: rufar de tambores.

3-11-60

J. M. Canavarro

Comandante Rocha e Cunha

Muitos foram os aveirenses que, na tarde de anteontem, 3, foram ao Cemitério Central depor flores no túmulo do saudoso Comandante Rocha e Cunha, desse modo preiteando a memória do ilustre e benemérito aveirense no 16.º aniversário da sua morte.

Festa de Cristo-Rei

Revestiram-se de grande luzimento e solenidade as celebrações em Aveiro da Festa de Cristo-Rei e da Acção Católica, levadas a efeito nos passados sábado e domingo.

Cumpriram-se os diversos números do programa que nestas colunas oportunamente publicámos.

Movimento Judicial

★ Acaba de ser promovido e colocado no Tribunal da Relação do Porto o sr. Dr. Alberto Martins Pereira, que foi Juiz de Direito na Comarca de Aveiro e deixou nesta cidade as maiores saudades.

★ O sr. Dr. Francisco Mendes Barata dos Santos, Juiz de Direito do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro, onde conquistou muitas simpatias, foi transferido para Lisboa e colocado no 6.º Juízo Cível.

★ Foi promovido à 1.ª classe e colocado no 1.º Juízo da Comarca de Aveiro o sr. Dr. Silvino Alberto Vila Nova, que exercia as suas funções na Comarca de Vila Franca de Xira.

★ Também o sr. Dr. António Augusto de Oliveira Gala, que exerceu as funções de Juiz do Tribunal do Trabalho de Aveiro, foi colocado no 7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

O *Litoral* espera referir-se mais de espaço aos ilustres magistrados, que desde já cumprimenta e felicita.

Rotary Clube

● *Na reunião da próxima segunda-feira, dia 7, do Rotary Clube de Aveiro, profere uma palestra o conhecido e distinto médico cirurgião e rotário aveirense sr. Dr. Vítor Celestino Ferreira Regala, que desenvolverá o tema* Factores biológico-estéticos na formação artística de Tolouse-Loutrec.

● *O Rotary Clube de Aveiro promoveu, na passada segunda-feira, uma reunião dedicada às esposas e senhoras das famílias dos seus associados. Proferiu uma interessante palestra a sr.ª Dr.ª D. Irene Ulloa Sousa Santos, que, com muito brilho, desenvolveu um tema de grande actualidade* Algumas Considerações sobre Energia Nuclear.

O Litoral *só na próxima semana poderá publicar mais circunstanciadas notícias das reuniões rotárias a que atrás se refere.*

Ouça hoje, em Miramar

Produções Luciano Ferrão *iniciaram, no pretérito sábado, na programação do Rádio Clube Português (Emissor de Miramar), a transmissão de dois períodos em que se fala de Aveiro. Estes programas repetem-se hoje e nos sábados seguintes, dentro dos horários que vamos indicar novamente: das 11.30 às 12, e das 15.30 às 16 horas.*

Reunião dançante

Amanhã, com início às 15 horas, a conhecida Orquestra Aloma *promove uma reunião dançante no salão de festas da Sociedade Recreio Artístico.*

Falta de Espaço

Por motivo de falta de espaço, somos forçados a guardar para a próxima semana diverso noticiário, nele se incluindo o relato das festas de homenagem e despedida de que foram alvo os srs. Coronel Manuel Norton Brandão e Capitão Alexandre Mendes Leite de Almeida, que comandaram a Base Aérea de S. Jacinto e a P. S. P. desta cidade, e a notícia do cerimónia do juramento de nove novas praças da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Lista provisória dos candidatos admitidos ao concurso para provimento dum lugar de escriturário de 3.ª classe a que se refere o Aviso publicado no Diário do Governo n.º 190, 3.ª Série, de 16 de Agosto de 1960:

António Augusto Azevedo Alves do Novo, João Carlos Marques Brandão, João Marcos da Silva Cravo, Joaquim da Silva Barrento, e João Pinheiro da Costa.

Candidatos a admitir, se entregarem, no prazo de oito dias a contar da data da publicação da presente lista no Diário do Governo, os documentos que vão indicados:

Aureliano de Jesus Fernandes: documento comprovativo do cumprimento dos deveres militares e documento comprovativo das habilitações exigidas no anúncio do concurso ou equivalentes;

Francisco Dias Ferreira Monteiro; declaração a que se refere o Decreto-lei n.º 27 003.

Aveiro, 29 de Outubro de 1960

O Presidente do Conselho de Administração,

a) *Humberto Leitão*

Sobre a Guerra de 1914-1918

Continuação da primeira página

meçassem a atacar os soldados e que estes, com «os dentes da bater castanholas», corressem para junto do Posto Sanitário, a pedir socorro aos médicos.

Tal estado de coisas começou a preocupar os Serviços de Saúde do nosso Batalhão, cujos médicos viam que nos estávamos a inutilizar sem honra nem proveito.

E vai daí, numa tarde em que se publicava a Ordem do Serviço do Batalhão, que transcrevia outra do Quartel General da Expedição determinando exercícios de campanha para o dia seguinte, eu — que prestava serviço no Comando do Estacionamento — ouvi o sr. Capitão-Médico do Batalhão dizer para o sr. Major Comandante.

— «Meu Major: Peço a V. Ex.ª o favor de comunicar a Sua Ex.ª o General Comandante da Expedição, para fins convenientes, que o nosso Batalhão não pode ir amanhã ao exercício».

O Comandante do Batalhão fez a comunicação pelo telefone; e, dentro de momentos, apresentava-se no Estacionamento o Director dos Serviços de Saúde junto do Quartel General, a tentar demover o sr. Capitão-Médico da resolução que havia tomado.

A uma advertência que o Director lhe fez, no sentido de que a ordem do Quartel General tinha de ser cumprida, o sr. Capitão-Médico respondeu com serenidade e firmeza:

— «O nosso General manda nas tropas expedicionárias; mas o responsável pela saúde dos do meu Batalhão sou eu. Disse e repito que os militares, cuja saúde me foi confiada, não estão em condições de ir amanhã ao exercício».

E não fomos mesmo!

Tornado isto conhecido no bivaque, os soldados do Batalhão baptizaram logo o sr. Capitão-Médico, dando lhe o nome honroso de «Pai dos Soldados».

A Formação Sanitária do Batalhão tinha a dirigi-la dois oficiais médicos: um Capitão, como chefe, e um Tenente, como adjunto.

Este, que se chamava Couto Nobre, sabia também irmanar o significado do seu apelido com a bondade do seu coração.

Os dois completavam-se, em zelo inexcedível pela saúde das suas tropas.

Há-de permitir-se-me que só no final deste relato revele o nome do Capitão que mereceu ser chamado o «Pai dos Soldados».

À medida que se iam completando as Companhias com os elementos necessários para entrarem em acção, seguiram elas rumo a Kionga-Namoto, a fim de substituírem, na margem direita do Rovuma, os depauperados restos das tropas da Expedição anterior, que eram do R. I. n.º 21, da Covilhã.

Logo que para ali marcharam as duas primeiras Companhias do nosso R. I. n.º 24 — a 12.ª e a 11.ª — foi também com elas um Posto de Socorros, chefiado pelo sr. Tenente-Médico Manuel Couto Nobre.

O serviço de vigilância em frente do inimigo — estabelecido ao longo da margem oposta — era extenuante e perigoso, a pontos de, logo de início, ter começado a fazer vítimas e heróis: um soldado morto por uma patrulha alemã, e uma «Cruz de Guerra», ganha pelo sargento miliciano José Maria Valente da Fonseca, que, com os soldados da sua escolta, desbaratou aquela patrulha, obrigando-a a retranspor a Província e perseguindo-a até às suas palhotas, a que deitou fogo.

Em consequência do esforço exigido às tropas mantidas nos postos avançados, para segurança das que se preparavam à rectaguarda, começou o impaludismo a atacá-los e, por isso, a causar apreensões aos médicos do Batalhão.

E então, certa noite, ouvi o «Pai dos Soldados» conversar telefònicamente com o Dr. Couto Nobre, de Palma para Namoto, dizendo-lhe, por estas ou outras palavras, o seguinte:

— «À medida que as febres palustres forem atacando o pessoal das Companhias, vá-me mandando para a Base os doentes, para eu os propor à Junta. Os excessos dos exercícios sem proveito, determinados há tempos pelo Quartel General, e a que por fim me opus, começaram cedo a surtir os seus perniciosos efeitos. E uma vez entrado o impaludismo nos soldados, já pouco ou nada de útil à campanha se poderá esperar deles. É preferível mandá-los regressar à Metrópole com algumas forças, para se poderem aguentar na viagem e lá recuperarem, se possível, a saúde abalada, a termos de os ver morrer por cá com as fatais biliosas e perniciosas, que já começaram a vitimar alguns».

E o sr. Dr. Couto Nobre, de acordo com a sugestão do «Pai dos Soldados», começou a mandar para a rectaguarda os militares atacados de impaludismo, vindo, assim, a salvar-se muitos que, de outra forma, lá teriam ficado para sempre. Eu teria sido um deles...

Pelas ruas desta magnífica cidade de Aveiro, que tão excelentes filhos tem dado a Portugal, cruzamo-nos, a cada passo, com um respeitável velhinho — a quem saudamos efusiva e ternamente, como se fosse uma das pessoas mais queridas da nossa família.

No entanto, ele passa indiferente aos olhares de quem o não conhece — sobretudo das gerações mais novas — embora já tivesse chefiado os destinos do nosso Distrito.

Esse prestante cidadão, a quem eu desejo muitos mais anos de vida, é o Tenente-Coronel Médico reformado Dr. Manuel Rodrigues da Cruz — o «Pai dos Soldados».

Estas notas já são longas, mas não quero terminá-las sem evocar saudosamente a memória dos companheiros de armas já desaparecidos. Na impossibilidade de citar os nomes de todos, limito-me a lembrar os de três que foram dignos aveirenses, bons camaradas e bons amigos: o Segundo Sargento Miliciano Hernâni Ferreira de Miranda, já licenciado em Direito quando mobilizado; o Segundo Sargento Miliciano Camilo Augusto Monteiro Rebocho, aluno da Faculdade de Direito ao tempo da sua mobilização; e o Primeiro Sargento Cadete Miliciano Abel Ferreira da Encarnação Júnior, o «Abel Grande», que possuía uma alma do tamanho do seu corpo.

Gonçalo Maria Pereira

NAS noites de 8 e 9 do corrente, terça e quarta-feira próximas, vamos ter, no palco do *Aveirense*, a Companhia do Teatro Nacional de D. Maria II, que, este ano, nos apresentará dois originais espanhois: *Maribel e a Estranha Família* — uma comédia de Michel Mihura, em versão de José Galhardo; e *Ferida Luminosa* — uma obra de fundo sentido religioso, escrita, em catalão, por José Maria Segarra, adaptada por José Maria Péman e traduzida para Português por Manuel Teles e Francisco Marques dos Santos. Esta nova visita a Aveiro da notável Companhia de Amélia Rey Colaço — que Aveiro sempre anseia por admirar e aplaudir — constitui um acontecimento artístico digno de especial registo. E ao publicarmos hoje o retrato da insigne Artista Palmira Bastos, pretendemos associar-nos, ainda que por tão modesta forma, às grandiosas e significativas homenagens que o Brasil e Portugal ùltimamente têm tributado à egrégia componente de uma das mais representativas figuras do mais abonado conjunto teatral português.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

Pelo Primeiro Juízo de Direito desta Comarca de Aveiro e 2.ª Secção de processos, correm seus termos uns autos de processo de falência, a requerimento de José da Purificação Morais Calado, casado, comerciante, e em que é requerida a *Drogaria de Aveiro, L.da*, com sede na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 16 a 20, e, nos mesmos autos, foi designado o dia 20 de Novembro próximo, pelas 11 haras, à porta do estabelecimento da requerida, para proceder-se à venda, em 3.ª praça, dos seguintes produtos que serão entregues a quem mais der acima da sua avaliação que foi de 41 155$60: grande quantidade de produtos farmacêuticos de diversos laboratórios, perfumarias e sabonetes, cremes e dentífricos diversos, batons, rouges, pó de arroz de diversas marcas, pincéis e trinchas de diversos números; uma balança «Avery», outra «AP»; 3 balanças de pratos e 2 decimais; 1 máquina registadora «National»; extintores de incêndio; produtos insecticidas; garrafões de diversos tamanhos, tintas e vernizes; bidons, embalagens diversas; caixotes de diversos tamanhos; 2 máquinas de escrever, uma marca «Royal» e outra marca «Remington»; mobiliário composto de secretárias, mesas grandes, cadeiras, mochos, estantes para arquivo, balcão, vitrina e armação do estabelecimento e outros artigos que fazem parte da existência arrolada.

Dos produtos a vender ou a pracear o adquirente dos produtos só poderá transacioná-los se estiver legalmente habilitado a fazê-lo e os medicamentos a que se referem as listas publicadas na 1.ª série dos D. G. n.os 201, de 19 de Novembro de 1956; 105, de 8 de Maio de 1959; 225, de 30 de Setembro de 1959; além dos abrangidos pelos Decretos n.os 12 210, de 9 de Dezembro de 1924; 16680, de 26 de Março de 1929; 13 443, de 8 de Abril de 1927; 19 044, de 15 de Novembro de 1930; 22 131, de 13 de Janeiro de 1933; 35 476, de 29 de Janeiro de 1946; 30 142, de 16 de Dezembro de 1939; 23 845, de 14 de Maio de 1934; 26 483, de 31 de Março de 1936; 27 213, de 18 de Novembro de 1931; 37 560, de 19 de Setembro de 1949; 38 262, de 3 de Julho de 1953; e 41 718, de 7 de Julho de 1958 — só podem ser vendidos o quem exiba receita médica.

E' administrador *Manuel da Cruz e Sousa*, desta cidade de Aveiro.

Aveiro, 29 de Outubro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,

João Alves

Verifiquei:

O Magistrado Síndico,

Manuel Joaquim Sampaio Tinoco de Faria

Litoral ★ Aveiro, 5-XI-1960 ★ N.º 315

Empregado/a

(Idade 18/19 anos)

Precisa-se, para escritório. Procurar na Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 358-1.º Dt.º das 18.30 às 19.30 horas.

PERDEU-SE

— um casaco em plástico e umas perneiras do mesmo material, de cor cinzenta. Gratifica-se quem fizer a sua entrega no *Zig-Zag*, a José Fernandes.

Porta-Moedas

— perdeu-se, na manhã de sábado findo, entre o Mercado de Manuel Firmino (praça da hortaliça) e a Rua das Marinhas, n.º 12, contendo cerca de 59$00, 1 volta de ouro com madalha e 1 chave.

Agradece-se à pessoa que o encontrou o favor de o entregar na referida morada ou na Redacção do *Litoral*.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — AVEIRENSE. Domingo — SAÚDE. Segunda-feira — OUDINOT. Terça-feira — MOURA. Quarta-feira — CENTRAL. Quinta-feira — MODERNA. Sexta-feira — ALA.

A CIDADE

Notícias animadoras sobre o preço do sal

Conforme noticiámos no último número, diversas entidades têm telegrafado ao sr. Secretário de Estado do Comércio chamando a sua esclarecida atenção para o momentoso problema do preço do sal, que afecta grandemente os salgados de Aveiro e da Figueira da Foz, e pedindo-lhe a sua actualização em bases de escrupulosa justiça.

Temos conhecimento de que se lhe dirigiram, neste sentido, o Grémio do Comércio de Aveiro, as Juntas da Freguesia da Vera-Cruz, da Glória e da Gafanha da Nazaré, os Párocos da Vera-Cruz e da Glória, os semanários «Correio do Vouga», «Ecos de Cacia» e «Ilhavense» e os correspondentes em Aveiro de diversos órgãos da Imprensa diária.

Telegrafaram também àquele ilustre membro do Governo a Comissão Concelhia da União Nacional, o Comando Distrital da Legião Portuguesa e a Câmara Municipal de Ílhavo.

O interesse manifestado por estas e por outras entidades, designadamente pelos srs. Governadores Civis de Aveiro e de Coimbra, revela bem a importância do problema, cuja gravidade é bem conhecida e desnecessário se torna encarecer.

Esperamos muito confiadamente que o sr. Secretário de Estado do Comércio não tardará a resolvê-lo, com a clarividência e a justiça que a sua formação intelectual e moral nos garantem.

Segundo informações fidedignas que recebemos, aquele ilustre membro do Governo vai acudir à precária situação dos produtos salineiros, aumentando desde já o preço do sal, e estudará, depois, pessoalmente, o problema, em ordem a procurar-lhe a solução definitiva mais ajustada.

Folgamos com estas notícias e damos o nosso mais vivo aplauso à criteriosa atitude do sr. Secretário de Estado do Comércio.

Atrevemo-nos a sugerir ao ilustre membro do Governo uma visita à cidade de Aveiro, que com tal deferência se sentiria muito honrada. Estamos seguros de que poderá colher aqui elementos preciosos para o seu estudo, ouvindo a Secção Diferenciada do Sal do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo e os produtores salineiros mais esclarecidos, corrigindo deste modo informações menos exactas, que necessàriamente induzem em erro.

Movimento Judicial

★ Acaba de ser promovido e colocado no Tribunal da Relação do Porto o sr. Dr. Alberto Martins Pereira, que foi Juiz de Direito na Comarca de Aveiro e deixou nesta cidade as maiores saudades.

★ O sr. Dr. Francisco Mendes Barata dos Santos, Juiz de Direito do 1.º Juízo da Comarca de Aveiro, onde conquistou muitas simpatias, foi transferido para Lisboa e colocado no 6.º Juízo Cível.

★ Foi promovido à 1.ª classe e colocado no 1.º Juízo da Comarca de Aveiro o sr. Dr. Sílvio Alberto Vila Nova, que exercia as suas funções na Comarca de Vila Franca de Xira.

★ Também o sr. Dr. António Augusto de Oliveira Gala, que exercia as funções de Juiz do Tribunal do Trabalho de Aveiro, foi colocado no 7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

O Litoral espera referir-se mais de espaço aos ilustres magistrados, que desde já cumprimenta e felicita.

Rotary Clube

● *Na reunião da próxima segunda-feira, dia 7, do Rotary Clube de Aveiro, profere uma palestra o conhecido e distinto médico cirurgião e rotário aveirense sr. Dr. Vítor Celestino Ferreira Regala, que desenvolverá o tema* Factores biológico-estéticos na formação artística de Tolouse-Loutrec.

● *O Rotary Clube de Aveiro promoveu, na passada segunda-feira, uma reunião dedicada às esposas e senhoras das famílias dos seus associados. Proferiu uma interessante palestra a sr.ª Dr.ª D. Irene Ulloa Sousa Santos, que, com muito brilho, desenvolveu um tema de grande actualidade* Algumas Considerações sobre Energia Nuclear.

O Litoral só na próxima semana poderá publicar mais circunstanciadas notícias das reuniões rotárias a que atrás se refere.

Comandante Rocha e Cunha

Muitos foram os aveirenses que, na tarde de anteontem, 3, foram ao Cemitério Central depor flores no túmulo do saudoso Comandante Rocha e Cunha, desse modo preiteando a memória do ilustre e benemérito aveirense no 16.º aniversário da sua morte.

Festa de Cristo-Rei

Revestiram-se de grande luzimento e solenidade as celebrações em Aveiro da Festa de Cristo-Rei e da Acção Católica, levadas a efeito nos passados sábado e domingo.

Ouça hoje, em Miramar

Produções Luciano Ferrão iniciaram, no pretérito sábado, na programação do Rádio Clube Português (Emissor de Miramar), a transmissão de dois períodos em que se fala de Aveiro. *Estes programas repetem-se hoje e nos sábados seguintes, dentro dos horários que vamos indicar novamente: das 11.30 às 12, e das 15.30 às 16 horas.*

Reunião dançante

Amanhã, com início às 15 horas, a conhecida Orquestra Aloma promove uma reunião dançante no salão de festas da Sociedade Recreio Artístico.

Falta de Espaço

Por motivo de falta de espaço, somos forçados a guardar para a próxima semana diverso noticiário, nele se incluindo o relato das festas de homenagem e despedida de que foram alvo os srs. Coronel Manuel Norton Brandão e Capitão Alexandre Mendes Leite de Almeida, que comandaram a Base Aérea de S. Jacinto e a P. S. P. desta cidade, e a notícia do cerimónia do juramento de nove novas praças da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Lista provisória dos candidatos admitidos ao concurso para provimento dum lugar de escriturário de 3.ª classe a que se refere o Aviso publicado no Diário do Governo n.º 190, 3.ª Série, de 16 de Agosto de 1960:

António Augusto Azevedo Alves do Novo, João Carlos Marques Brandão, João Marcos da Silva Cravo, Joaquim da Silva Barrento, e João Pinheiro da Costa.

Candidatos a admitir, se entregarem, no prazo de oito dias a contar da data da publicação da presente lista no Diário do Governo, os documentos que vão indicados:

Aureliano de Jesus Fernandes: documento comprovativo do cumprimento dos deveres militares e documento comprovativo das habilitações exigidas no anúncio do concurso ou equivalentes;

Francisco Dias Ferreira Monteiro; declaração a que se refere o Decreto-lei n.º 27 003.

Aveiro, 29 de Outubro de 1960

O Presidente do Conselho de Administração,

a) *Humberto Leitão*

O Abominável Homem do Rádio Portátil

Continuação da primeira página

com outros motivos orquestrais, volve a acentuar-se mais nítida, de cada vez que a personagem figura em cena, em termos de a anunciar e constituir, por assim dizer, a sua síntese do ponto de vista auditivo. Com tal ponto de partida, cada protagonista conserva a sua envergadura própria, inconfundível, bem mordida. E o espectador pode, mesmo sem olhar a pantalha, reconstituir todos os momentos da intervenção mais ou menos dramática da figura ou figuras centrais de todo o filme.

De modo muito semelhante, no filme doméstico dos nossos fins de semana, não nos é assaz difícil, mesmo sem levantar a cabeça do colchão onde repousamos à beira-mar; sem afastar os olhos da paisagem que apreciamos nas alitudes; sem desviar os ouvidos da conversa que estejamos a seguir numa esquina aprazível da nossa rua; mesmo sem comprometer a atenção desportiva dedicada a entusiástico jogo da bola, não nos é difícil — repetimos — reconhecer pelos sibilos das hiantes goelas duma caixinha de música portátil, essa encarnação engenhosíssima de sandice, esse bestialmente burlesco que quase nos convence possuir dotes de obiquidade, tal ideia nos dá de aparecer em toda a parte e a toda a hora, envolto nas mais levianas ondas sonoras.

E o pior, mas muito pior, caros leitores — e disso podem ficar absolutamente certos — se, nos tempos que correm, não possuem um rádio portátil, mais dia menos dia, mais tarde ou mais cedo, o destino bater-vos-á à porta na forma de um presente, de um brinde, de um prémio de concurso, sorteio ou rifa, ou na pessoa de um atencioso e sorridente agente de vendas.

Hoje, com efeito, as facilidades de compra são enormes e as tentações tão difíceis de resistir, que só com uma grande força moral podem algumas pessoas continuar existindo sem uma malinha sonora.

Não há dúvidas; vivemos numa época onde não há termos médios.

Ou se compra um abominável aparelhómetro falante — da noite para o dia — ou se fica atrasado minutos no indispensável, no imprescindível conhecimento imediato de tudo que se passa no mundo: humilhação insuportável para os abomináveis radioambulantes.

Os aparelhos dançam às dezenas à nossa volta. Dançam nas capitais e nas mais modestas cidades de província; dançam nas grandes urbes e nas mais humildes povoações. Dançam nas praias, nas serras e no campo; dançam nos estádios e nas romarias; nas estradas e nas ruas, pendurados das garras aduncas desses alvares que nem sequer os lugares sagrados de culto e oração respeitam, como já foi notado na Cova de Iria.

Nestas circunstâncias, resistir à tentação da ignomínia, pelo pretexto da actualização, aos olhos das pessoas de bom senso, poderá ser acto heróico, se não precisamente por respeito à moralidade, pelo menos por reparos de bom gosto.

Em tempos que já lá vão, era muito difícil, economicamente impossível para certa classe de pessoas, realizar determinadas aquisições de objectos inúteis e de luxo e, por isso, o acto de compra tinha mérito exibitivo incontestado.

Hoje, pelo contrário, o difícil é não comprar; mas isto não o consegue quem quer mas sim quem pode, isto é, quem logra viver sem a triste e monótona necessidade de descansar o espírito.

E já que estamos em maré de crítica construtiva, vai daqui uma sugestão. Se já se fizeram filmes sobre toureiros, jogadores da bola, cantadeiras de fado e ciclistas, tendo os respectivos realizadores dado cabo da reputação dos biografados, por que não utilizar numa fita de carácter eminentemente social este aliciante tema: O ABOMINÁVEL HOMEM DO RÁDIO PORTÁTIL?

Música de fundo: rufar de tambores.

3-11-60

J. M. Canavarro

Sobre a Guerra de 1914-1918

Continuação da primeira página

meçassem a atacar os soldados e que estes, com «os dentes da bater castanholas», corressem para junto do Posto Sanitário, a pedir socorro aos médicos.

Tal estado de coisas começou a preocupar os Serviços de Saúde do nosso Batalhão, cujos médicos viam que nos estávamos a inutilizar sem honra nem proveito.

E vai daí, numa tarde em que se publicava a Ordem do Serviço do Batalhão, que transcrevia outra do Quartel General da Expedição determinando exercícios de campanha para o dia seguinte, eu — que prestava serviço no Comando do Estacionamento — ouvi o sr. Capitão-Médico do Batalhão dizer para o sr. Major Comandante:

— «Meu Major: Peço a V. Ex.ª o favor de comunicar a Sua Ex.ª o General Comandante da Expedição, para fins convenientes, que o nosso Batalhão não pode ir amanhã ao exercício».

O Comandante do Batalhão fez a comunicação pelo telefone; e, dentro de momentos, apresentava-se no Estacionamento o Director dos Serviços de Saúde junto do Quartel General, a tentar demover o sr. Capitão-Médico da resolução que havia tomado.

A uma advertência que o Director lhe fez, no sentido de que a ordem do Quartel General tinha de ser cumprida, o sr. Capitão-Médico respondeu com serenidade e firmeza:

— «O nosso General manda nas tropas expedicionárias; mas o responsável pela saúde dos do meu Batalhão sou eu. Disse e repito que os militares, cuja saúde me foi confiada, não estão em condições de ir amanhã ao exercício».

E não fomos mesmo!

Tornado isto conhecido no bivaque, os soldados do Batalhão baptizaram logo o sr. Capitão-Médico, dando lhe o nome honroso de «Pai dos Soldados».

A Formação Sanitária do Batalhão tinha a dirigi-la dois oficiais médicos: um Capitão, como chefe, e um Tenente, como adjunto.

Este, que se chamava Couto Nobre, sabia também irmanar o significado do seu apelido com a bondade do seu coração.

Os dois completavam-se, em zelo inexcedível pela saúde das suas tropas.

Há-de permitir-se-me que só no final deste relato revele o nome do Capitão que mereceu ser chamado o «Pai dos Soldados».

À medida que se iam completando as Companhias com os elementos necessários para entrarem em acção, seguiram elas rumo a Kionga-Namoto, a fim de substituírem, na margem direita do Rovuma, os depauperados restos das tropas da Expedição anterior, que eram do R. I. n.º 21, da Covilhã.

Logo que para ali marcharam as duas primeiras Companhias do nosso R. I. n.º 24 — a 12.ª e a 11.ª — foi também com elas um Posto de Socorros, chefiado pelo sr. Tenente-Médico Manuel Couto Nobre.

O serviço de vigilância em frente do inimigo — estabelecido ao longo da margem oposta — era extenuante e perigoso, a pontos de, logo de início, ter começado a fazer vítimas e heróis: um soldado morto por uma patrulha alemã, e uma «Cruz de Guerra», ganha pelo sargento miliciano José Maria Valente da Fonseca, que, com os soldados da sua escolta, desbaratou aquela patrulha, obrigando-a a retransportar a Província e perseguindo-a até às suas palhotas, a que deitou fogo.

Em consequência do esforço exigido às tropas mantidas nos postos avançados, para segurança das que se preparavam à rectaguarda, começou o impaludismo a atacá-los e, por isso, a causar apreensões aos médicos do Batalhão.

E então, certa noite, ouvi o «Pai dos Soldados» conversar telefònicamente com o Dr. Couto Nobre, de Palma para Namoto, dizendo-lhe, por estas ou outras palavras, o seguinte:

— «À medida que as febres palustres forem atacando o pessoal das Companhias, vá-me mandando para a Base os doentes, para eu os propor à Junta. Os excessos dos exercícios sem proveito, determinados há tempos pelo Quartel General, e a que por fim me opus, começaram cedo a surtir os seus perniciosos efeitos. É uma vez entrado o impaludismo nos soldados, já pouco ou nada de útil à campanha se poderá esperar deles. É preferível mandá-los regressar à Metrópole com algumas forças, para se poderem aguentar na viagem e lá recuperarem, se possível, a saúde abalada, a termos de os ver morrer por cá com as fatais biliosas e perniciosas, que já começaram a vitimar alguns».

E o sr. Dr. Couto Nobre, de acordo com a sugestão do «Pai dos Soldados», começou a mandar para a rectaguarda os militares atacados de paludismo, vindo, assim, a salvar-se muitos que, de outra forma, lá teriam ficado para sempre. Eu teria sido um deles...

Pelas ruas desta magnífica cidade de Aveiro, que tão excelentes filhos tem dado a Portugal, cruzamo-nos, a cada passo, com um respeitável velhinho — a quem saudamos efusiva e ternamente, como se fosse uma das pessoas mais queridas da nossa família.

No entanto, ele passa indiferente aos olhares de quem o não conhece — sobretudo das gerações mais novas — embora já tivesse chefiado os destinos do nosso Distrito.

Esse prestante cidadão, a quem eu desejo muitos mais anos de vida, é o Tenente-Coronel Médico reformado Dr. Manuel Rodrigues da Cruz — o «Pai dos Soldados».

Estas notas já são longas, mas não quero terminá-las sem evocar saudosamente a memória dos companheiros de armas já desaparecidos. Na impossibilidade de citar os nomes de todos, limito-me a lembrar os de três que foram dignos aveirenses, bons camaradas e bons amigos: o Segundo Sargento Miliciano Hernâni Ferreira de Miranda, já licenciado em Direito quando mobilizado; o Segundo Sargento Miliciano Camilo Augusto Monteiro Rebocho, aluno da Faculdade de Direito ao tempo da sua mobilização; e o Primeiro Sargento Cadete Miliciano Abel Ferreira da Encarnação Júnior, o «Abel Grande», que possuía uma alma do tamanho do seu coração.

Gonçalo Maria Pereira

NAS noites de 8 e 9 do corrente, terça e quarta-feira próximas, vamos ter, no palco do *Aveirense*, a Companhia do Teatro Nacional de D. Maria II, que, este ano, nos apresentará dois originais espanhóis: *Maribel e a Estranha Família* — uma comédia de Michel Mihura, em versão de José Galhardo; e *Ferida Luminosa* — uma obra de fundo sentido religioso, escrita, em catalão, por José Maria Segarra, adaptada por José Maria Péman e traduzida para Português por Manuel Teles e Francisco Marques dos Santos. Esta nova visita a Aveiro da notável Companhia de Amélia Rey Colaço — que Aveiro sempre anseia por admirar e aplaudir — constitui um acontecimento artístico digno de especial registo. E ao publicarmos hoje o retrato da insigne Artista Palmira Bastos, pretendemos associar-nos, ainda que por tão modesta forma, às grandiosas e significativas homenagens que o Brasil e Portugal ùltimamente têm tributado à egrégia componente de uma das mais representativas figuras do mais abonado conjunto teatral português.

Empregado/a

(Idade 18/19 anos)

Precisa-se, para escritório. Procurar na Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 358-1.º Dt.º das 18.30 às 19.30 horas.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

Pelo Primeiro Juízo de Direito desta Comarca de Aveiro e 2.ª Secção de processos, correm seus termos uns autos de processo de falência, a requerimento de José da Purificação Morais Calado, casado, comerciante, e em que é requerida a *Drogaria de Aveiro, L.da*, com sede na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 16 a 20, e, nos mesmos autos, foi designado o dia 20 de Novembro próximo, pelas 11 horas, à porta do estabelecimento da requerida, para proceder-se à venda, em 3.ª praça, dos seguintes produtos que serão entregues a quem mais der acima da sua avaliação que foi de 41 155$60: grande quantidade de produtos farmacêuticos de diversos laboratórios, perfumarias e sabonetes, cremes e dentifrícos diversos, batons, rouges, pó de arroz de diversas marcas, pincéis e trinchas de diversos números; uma balança «Avery», outra «AP»; 3 balanças de pratos e 2 decimais; 1 máquina registadora «National»; extintores de incêndio; produtos insecticidas; garrafões de diversos tamanhos, tintas e vernizes; bidons, embalagens diversas; caixotes de diversos tamanhos; 2 máquinas de escrever, uma marca «Royal» e outra marca «Remington»; mobiliário composto de secretárias, mesas grandes, cadeiras, mochos, estantes para arquivo, balcão, vitrina e armação do estabelecimento e outros artigos que fazem parte da referida arrolada.

Dos produtos a vender ou a pracear o adquirente dos produtos só poderá transaccioná-los se estiver legalmente habilitado a fazê-lo e os medicamentos a que se referem as listas publicadas na 1.ª série do D. G. n.os 201, de 19 de Novembro de 1956; 105, de 8 de Maio de 1959; 225, de 30 de Setembro de 1959; além dos abrangidos pelos Decretos n.os 12 210, de 9 de Dezembro de 1924; 16680, de 26 de Março de 1929; 13 443, de 8 de Abril de 1927; 19 044, de 15 de Novembro de 1930; 22 131, de 13 de Janeiro de 1933; 35 476, de 29 de Janeiro de 1946; 30 142, de 16 de Dezembro de 1939; 23 845, de 14 de Maio de 1934; 26 483, de 31 de Março de 1936; 27 213, de 18 de Novembro de 1931; 37 560, de 19 de Setembro de 1949; 38 262, de 3 de Julho de 1953; e 41 718, de 7 de Julho de 1958 — só podem ser vendidos o quem exiba receita médica.

E' administrador *Manuel da Cruz e Sousa*, desta cidade de Aveiro.

Aveiro, 29 de Outubro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,

João Alves

Verifiquei:

O Magistrado Sindico,

Manuel Joaquim Sampaio Tinoco de Faria

Litoral ★ Aveiro, 5-XI-1960 ★ N.º 315

PERDEU-SE

— um casaco em plástico e umas perneiras do mesmo material, de cor cinzenta. Gratifica-se quem fizer a sua entrega no *Zig-Zag*, a José Fernandes.

Porta-Moedas

— perdeu-se, na manhã de sábado findo, entre o Mercado de Manuel Firmino (praça da hortaliça) e a Rua das Marinhas, n.º 12, contendo cerca de 59$00, 1 volta de ouro com medalha e 1 chave.

Agradece-se à pessoa que o encontrou o favor de o entregar na referida morada ou na Redacção do *Litoral*.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA TERCEIRA PAGINA

F★U★T★E★B★O★L

Beira Mar — Peniche

lino. Os penichenses, bem acantonados na defensiva, iam deixando passar o tempo, só contra-atacando de vez enquando: mas, nesses lances, criavam sempre muito perigo (sobre os 65m., e absolutamente contra a corrente do jogo, o Peniche esteve mesmo à beira de marcar, no seguimento de um pontapé livre, tendo Marçal conjurado a situação...).

Mas os beiramarenses tanto porfiaram que conseguiram os seus intentos: em três minutos, na passagem da meia hora, conquistaram dois golos, com eles garantindo o seu primeiro êxito oficial em Aveiro, na presente época. Os penichenses salvaram-se, então, de sofrer mais pontos. Estava escrito, porém, que o resultado ainda se haveria de alterar: e assim sucedeu, pois os forasteiros—de novo no desenvolvimento de um *corner*—conseguiram reduzir a marca para 2-3.

Concluindo: o Beira-Mar venceu com inteiro mérito, por um *score* que melhor ficava se, em vez de tangencial, acusasse um desnível de dois ou três golos.

Distinguiram-se: no Beira-Mar, Paulino, Liberal, Amândio e Laranjeira; e, no Peniche, Varela, António Maria, Tino, Correia Dias e Lídio.

O árbitro, além de consentir no jogo duro sistemático dos penichenses, mostrou incompreensível aversão à regulamentar punição das faltas cometidas dentro da grande área: só assim se explica, na realidade, que tenha deixado

Registo

Estádio de Mário Duarte. *Árbitro* — Diogo Manso. *Fiscais de linha* — Mário Costa (bancada) e João do Vale (peão) — todos de Braga.

BEIRA-MAR — Violas; Evaristo, Liberal e Jurado; Amândio e Marçal; Garcia, Laranjeira, Calisto, Miguel e Paulino.

PENICHE — Oliveira Martins; António Maria, Varela e Franco (ex-Cernoche); Tino (ex-Farense) e Lídio; Rogério, Carapinha, Pinto da Rocha (ex-Sporting), Duarte e Correia Dias.

Golos — Pelo Beira-Mar, GARCIA, aos 6m., MIGUEL, aos 74m., e AMÂNDIO, aos 77m.; e, pelo Peniche, CORREIA DIAS, aos 24m., e PINTO DA ROCHA, aos 83m..

do jogo

de assinalar dois castigos máximos contra os visitantes, e que, sem reparo, consentisse nas entradas a *varrer* dos possantes defesas do Peniche. Trabalho inferior o do sr. Diogo Manso.

Mapa da Classificação						
CLUBES	J	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	6	5	—	1	18 - 7	10
Marinhense	6	4	1	1	17 - 4	9
Boavista	6	4	—	2	16 - 10	8
Beira-Mar	6	2	3	1	10 - 8	7
C. Branco	6	2	3	1	9 - 8	7
Torriense	6	3	1	2	10 - 11	7
Caldas	6	3	1	2	10 - 12	7
Chaves	6	2	2	2	10 - 15	6
Sanjoanen.	6	2	1	3	10 - 14	5
G. Vicente	6	1	2	3	9 - 10	4
Vianense	6	2	—	4	7 - 10	4
Peniche	6	1	2	3	7 - 12	4
Feirense	6	1	1	4	10 - 15	3
União	6	1	1	4	5 - 12	3

Beira Mar — Covilhã

directa das notáveis actuações dos dois médios, com relevo para Marçal, e do sector defensivo, onde se evidenciou Liberal —, fracassaram na finalização, aliás como já vai sendo hábito... Falharam-se alguns golos feitos, Miguel desperdiçou uma grande penalidade, e o *score* (2-0) com que os grupos recolheram às cabinas era lisonjeiro para os serranos.

Esses tentos foram marcados por MIGUEL, em bom esforço pessoal, aos 16 m., e por AMÂNDIO, a concluir uma rápida incursão de Laranjeira, aos 16 m..

Na segunda metade, as substituições introduzidas no Beira-Mar tiraram agressividade à turma, que passou a ser mais lenta e mais complicativa. Disso se aproveitaram os «leões da serra», que, então, equilibraram a partida, atenuando, também, a fraca impressão produzida até ao intervalo. Os visitantes, em dois lances que pareciam inofensivos, conseguiram outros tantos golos; aos 50 m., num toque infeliz de LIBERAL, que desviou para as suas próprias redes, iludindo Violas, um centro de Gabriel; e, aos 57 m., num remate de Manteigueiro que tabelou em SUAREZ.

Mais adiante, aos 67 m., um bom golo de GABRIEL, servido a preceito por Suarez, colocou os covilhanenses em vencedores. Este tento veio despertar os beiramarenses, que melhoraram a olhos vistos com a entrada de Correia — um jogador muito *discutido* com que se poderá contar. Este elemento, na verdade, surgiu num dia sim, com apreciável desenvoltura e visão: e, depois de haver já proporcionado outros ensejos de golo, foi ele que esteve na base do lance donde surgiu a igualdade final. Um centro de Correia, aos 87 m., foi recolhido de cabeça, por GARCIA, que marcou um tento vistoso e de bom efeito, quando já muita gente se tinha conformado com a derrota...

O empate aceita-se. Mas, a haver um triunfador, ele deveria ser o Beira-Mar. Nomes em evidência: entre os aveirenses, Marçal, Liberal, Amândio, Louceiro e Correia; e, entre os covilhanenses, Lázinha, Manteigueiro, Walter e Coreles.

O árbitro teve regular actuação; mas o «bandeirinha» do lado da bancada esteve francamente mal, com a agravante de não cooperar de forma perfeita com o seu chefe de equipa.

DA MINHA JANELA...

Beira-Mar vêem, assim, resolvidos os seus problemas mais instantes, dando aos atletas as condições de entreinamento que lhes têm faltado.

Nós, que tanto pugnamos por recintos onde a mocidade possa desenvolver a sua preparação física, regozijamo-nos com o facto, felicitando os dirigentes pela sua arrojada iniciativa.

Campeonatos Regionais

I DIVISÃO

A oitava e penúltima jornada da primeira volta da competição máxima do futebol distrital ficou assinalada pelos seguintes resultados:

ARRIFANENSE, 4 — LUSITÂNIA, 1; PEJÃO, 4 — VISTA-ALEGRE, 0; CESARENSE, 1 — OVARENSE, 1; ESPINHO, 2 — RECREIO, 3; e LAMAS, 4 — CUCUJÃES, 1.

A partida de Arrifana foi suspensa, devido ao mau tempo, no domingo, com o marcador em 0-0, tendo-se efectuado na terça-feira, pela manhã.

Dentre todos os desfechos acima indicados, merece relevância o triunfo dos aguedenses em Espinho. Mercê dessa sua vitória brilhante, o Recreio ascendeu, isolado, ao primeiro lugar, donde destronou os espinhenses. (Anote-se a particularidade do Espinho perder, até este momento, os dois únicos jogos em que sofreu golos...) Refira-se, ainda, que a Ovarense não conseguiu vencer em Cesar, pelo que tem de partilhar o terceiro posto da tabela com o Arrifanense — um grupo em plena recuperação.

A concluir, note-se que o Vista-Alegre ficou mais afastado, no último lugar, em virtude do empate que o Cesarense conquistou.

TABELA DE PONTOS						
CLUBES	J.	V.	E.	D	Bolas	P.
Recreio	8	6	1	1	18 - 8	21
Espinho	8	6	—	2	19 - 5	20
Arrifanense	8	5	—	3	24 - 11	18
Ovarense	8	4	2	2	13 - 10	18
Cucujães	8	4	1	3	14 - 15	17
Lusitânia	8	3	2	3	13 - 13	16
Pejão	8	3	1	4	14 - 16	15
Lamas	8	2	1	5	12 - 14	13
Cesarense	8	1	2	5	7 - 22	12
V. Alegre	8	1	—	7	7 - 26	10

RESERVAS

Beira-Mar, 8 — Oliveirense, 0

Neste importante desafio, sob arbitragem do sr. Mário Silva, auxiliado pelos srs. António Amaro Antunes (bancada) e Ribeiro Freire (peão), os grupos apresentaram:

BEIRA-MAR — Teixeira; Louceiro, Benedito e Lourenço; Amaral e Hassane Aly; Carlos Júlio, Ramos, Correia, Ramiro e Mota Veiga.

OLIVEIRENSE - Maraia (Carlos); Costa Leite (Serrano), Cachana e Resende; Campos (ex-União de Coimbra) e Ives; Valdemar (ex-Sporting), Janardo (Costa Leite), Soares, Marcelino e Santos II.

Os beiramarenses adaptaram-se melhor ao piso do rectângulo e exerceram nítida supremacia sob todos os aspectos, pelo que triunfaram amplamente.

A partida teve algumas fases de futebol muito apreciável, sendo correctíssima, dado que a Oliveirense aceitou desportivamente a superioridade dos jogadores de Aveiro.

Ao intervalo o marcador indicava já 5-0. Os golos foram obtidos pela seguinte ordem: RAMIRO, 5 m.; RAMOS, 8 m; HASSANE ALY, 34 m; MOTA VEIGA, 35 m.; CORREIA, 42 m.; novamente RAMIRO, 65 e 70 m., e MOTA VEIGA, 77 m.

Outros resultados

Arrifanense, 3 — Sanjoanense, 4; Lamas, 2 — Espinho, 1; e Feirense, 7 — Lusitânia, 2 — na *Série A*. E Cucujães, 2 — Estarreja, 0 — na *Série B*.

CLASSIFICAÇÕES

SÉRIE A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	7	5	1	1	30- 7	18
Feirense	7	4	1	2	31-11	16
Lamas	7	4	1	2	12 9	16
Arrifanense	7	4	—	3	16 23	15
Espinho	7	3	1	3	11-15	14
Lusitânia	7	—	2	5	9-24	9
Pejão	6	—	2	4	4-24	8

SÉRIE B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	6	4	—	2	26-10	14
Cucujães	6	4	—	2	12-12	14
Oliveirense	6	3	1	2	18-17	13
Recreio	5	3	—	2	13-13	11
Ovarense	5	1	1	3	19-11	8
Estarreja	6	1	—	5	8-23	8

JUNIORES

Vista Alegre, 2 - Beira-Mar, 3

Jogo em Ílhavo, arbitrado pelo sr. António Amaro Antunes, coadjuvado pelos srs. Israel Maio e Manuel Gonçalves Pereira. Os grupos apresentaram:

VISTA-ALEGRE — Eleutério; Ricardo, José Ângelo e Júpiter; José Carlos e Rui (Lopes); Correia, Henrique, Rafeiro, Pais e Vítor.

BEIRA-MAR — Vaz Pinto; Madail, Sarrico e Vinagre; Gamelas e José Manuel; Celestino, Virgílio, Eduardo, Martinho e Souto e Silva.

Sofrendo um golo logo de entrada, aos 3 m., num pontapé de PAIS, os beiramarenses não se impressionaram e, ao chegar-se ao descanso, venciam já por 2-1, com golos de EDUARDO, aos 13 m., e VIRGÍLIO, aos 30 m..

No segundo tempo, o Beira-Mar aumentou a vantagem por intermédio de VIRGÍLIO, aos 48 m., mas foi RICARDO que, aos 65 m., fixou o resultado final.

Outros resultados

Série A — Arrifanense, 2 — Cucujães, 1; Espinho, 1 — Feirense, 3; e Sanjoanense, 7 — Oliveirense, 2.

Série B — Ovarense, 2 — Anadia, 0; e Estarreja, 1 — Recreio, 1.

SÉRIE A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	5	4	—	1	23- 7	13
Oliveirense	5	4	—	1	19-12	13
Feirense	5	3	—	2	11-13	11
Espinho	5	2	1	2	8-11	10
Arrifanense	5	1	—	4	7-17	7
Cucujães	5	—	1	4	4-12	6

SÉRIE B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Recreio	5	3	2	—	13- 2	13
Beira-Mar	5	3	1	1	10- 7	12
Ovarense	5	3	—	2	6- 6	11
Vista Alegre	5	2	—	3	6-11	9
Estarreja	5	1	1	3	3- 6	8
Anadia	5	1	—	4	5-11	7

BASQUETEBOL

fim do encontro, a turma de Ílhavo apenas esteve uma vez a vencer (15-14).

Registe-se o facto de terem sido forçados abandonar o recinto quase todos os titulares e ainda um dos reservistas do Illiabum, por completarem o número limite de faltas e um por haver sido desclassificado. Sairam, sucessivamente: Elmano (8-11), Charlim (20-21), Grilo (22-25), Balseiro (23-25) e Cochim (27-36). No tocante ao Beira-Mar também Rosa Novo teve de sair, com cinco faltas, ainda na metade inicial (21-17).

Além do valor que na realidade possui, o Beira-Mar encontrou poderoso aliado para a sua excelente e justa vitória no estado de espírito e na forma por que se comportaram os seus adversários — que foram as grandes vítimas do sistema rude que perfilharam, com certeza no intuito de intimidar os beiramarenses e arrastá-los, também, para esse modo de actuar...

Os árbitros creditaram-se de um trabalho oscilante, algo falho da indespensável energia e decisão em determinados momentos. Actuaram acomodaticiamente, pretendendo defender-se o melhor possível...

Sangalhos, 53 — Águias, 26

Árbitros: Manuel Neves e Manuel Gonçalves.

SANGALHOS — Calvo 2, Almeida 6, Feliciano 2, Amândio 27, Alberto 15, Arménio e Manuel Ferreira 1.

ÁGUIAS — Aurélio 2, Oliveira 4, Albano Louro 8, Pereira 6, António Baptista, Pinto 5 e Carvalho 1.

1.º tempo: 25-8. 2.º tempo: 28-18.

Os sangalhenses alcançaram 24 cestas e transformaram 5 lances livres em 12 tentativas; e os mogoforenses conseguiram 11 cestas e transformaram 4 lances livres em 14 rentados (28,57 %).

Esgueira, 35 - Sanjoanense, 23

Árbitros: Narsindo Vagos e Aureliano Silva.

ESGUEIRA — Raul, Ravara, César 7, Américo 14, Manuel Pereira 10, Vinagre 4 e João Calisto.

SANJOANENSE — Tavares 5, Joaquim Lagoa 4, Armando 8, Mário, Silva 4, Aureliano 2, Fernando Lagoa e Almeida.

1.º tempo: 16-10. 2.º tempo: 19-13.

Os esgueirenses conseguiram 15 cestas de campo e converteram 5 lances livres em 16 tentativas (31,25 %); e os sanjoanenses alcançaram 11 cestas de campo e sòmente converteram 1 lance livre, em 17 tentativas (5,88 %).

Arrisque um palpite!

Dentre os leitores que acertarem no resultado exacto dos desafios do *BEIRA-MAR* e, devidamente preenchido, entregarem no *RESTAURANTE GALO D'OURO* o «cupon» que o LITORAL publica, em exclusivo, todas as semanas é designado — por sorteio — um concorrente que terá direito a um almoço ou jantar no referido Restaurante. Os «cupons» devem ser entregues até às 19 horas dos sábados que antecedem os jogos a que se referem.

Nome: ______

Morada: ______

Resultado: BEIRA-MAR ____ FEIRENSE ____

Xadrez de Notícias

vor dos atletas da equipa de Azeméis.

O guarda-redes Rocha, que ùltimamente representou o Académico do Porto, transferiu-se agora do clube do Lima para a Sanjoanense.

O Illiabum protestou o resultado do jogo de basquetebol de sábado findo, em que foi derrotado pelo Beira-Mar.

Encontra-se ao serviço do Beira-Mar, desde o passado domingo, o massagista Francisco Vicente.

Jogos para AMANHÃ

CAMPEONATO NACIONAL

II DIVISÃO — 7.º dia

BOAVISTA - CASTELO BRANCO
OLIVEIRENSE - CALDAS
FEIRENSE - UNIÃO
CHAVES - BEIRA-MAR
PENICHE - TORRIENSE
VIANENSE - SANJOANENSE
GIL VICENTE - MARINHENSE

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO — 9.º dia

CUCUJÃES - ARRIFANENSE
LUSITÂNIA - PEJÃO
VISTA-ALEGRE - CESARENSE
OVARENSE - ESPINHO
RECREIO - LAMAS

RESERVAS — 9.º dia

ESPINHO - ARRIFANENSE
LUSITÂNIA - LAMAS
PEJÃO - FEIRENSE
OLIVEIRENSE - CUCUJÃES
RECREIO - OVARENSE

JUNIORES — 6.º dia

CUCUJÃES - FEIRENSE
ESPINHO - OLIVEIRENSE
ARRIFANENSE - SANJOANENSE
ANADIA - BEIRA-MAR
VISTA-ALEGRE - RECREIO
OVARENSE - ESTARREJA

Acerte no resultado!

Nome: ______

Morada: ______

Resultado: BEIRA-MAR ____ FEIRENSE ____

Semanalmente, a LOJA DAS MEIAS oferece **uma gravata** aos leitores que acertarem no resultado dos jogos realizados pelo BEIRA-MAR e, até às 19 horas de cada sábado, entregarem, devidamente preenchido o «cupon» que, em exclusivo, se publica no LITORAL.

Ligeiros apontamentos sobre a Escola Inglesa

Continuação da primeira página

cemos à multidão inteira. Um conhecido meu, depois de dois meses num país muito grande, com muitos milhões de habitantes, resumia cheio de convicção as suas impressões, dizendo: «Os naturais desta terra são todos uns burros.» Claro, generalizava còmodamente a cerca de cinquenta milhões a característica que notara talvez em duas ou três pessoas da meia-dúzia que tinha conhecido. Já numa atitude muito mais honesta, em compensação, um amigo meu alemão, depois de estar onze anos em Portugal, dizia-me: «Se me pedissem que definisse os portugueses, eu não seria capaz de o fazer nem num livro de duzentas páginas.» E nós somos apenas uns oito ou nove milhões...

Vem isto para dizer que, querendo apontar algumas das minhas impressões sobre os ingleses e a sua educação escolar, não pretendo afirmar categòricamente que eles se comportam desta ou daquela forma, e que a educação é cem por cento desta maneira ou daquela. Apenas conto alguma coisa do que observei em casa, na rua, no café, e nas escolas primárias e secundárias que visitei e em que ensinei. São aspectos que me pareceram bastante generalizados, e nos quais, embora o temperamento possa ter influência, a educação tem, com certeza, um papel preponderante. Os ingleses acreditam na eficiência da educação e da escola, e o facto é que dessa fé e confiança provêm lisonjeiros resultados.

O inglesinho começa muito cedo a sua longa vida escolar obrigatória. Aos três anos vai frequentar a escola infantil, que o ocupará até aos cinco. Daí passa, depois, para a escola primária, que frequenta até aos onze. Nesta altura faz um exame, que corresponde ao nosso exame de admissão, após o qual vai frequentar uma escola secundária: o liceu (*Grammar School*), ou a escola técnica, ou ainda um outro tipo de escola secundária (*Secondary Modern School*) de que nós não temos correspondente. De qualquer forma, porém, o aluno é obrigado a frequentar a escola até aos quinze anos, limite que actualmente, aliás, se projecta alongar. E até essa idade estuda, portanto, gratuitamente, sem mesmo gastar um tostão em livros ou papel. Por outro lado, os pais não têm, como entre nós, a liberdade de escolher a escola secundária que o aluno vai frequentar, pois o resultado do exame dos onze anos é que determina qual o trilho a seguir.

Os que tiverem mostrado decidida capacidade para um curso de natureza acentuadamente abstracta, em que o livro desempenha papel dominante e se lide essencialmente com ideias, esses ingressarão nos liceus. Outros terão revelado características que convêm a cursos industriais, agrícolas, comerciais ou artísticos: seguirão, pois, para as escolas técnicas. E os restantes, que são a grande maioria (cerca de 80% dos alunos em idade de educação secundária), e, naturalmente, aos 11 anos ainda nada revelaram de característico, esses irão para o terceiro tipo de escola secundária onde, no dizer da lei, devem «receber uma boa educação completa, num ambiente que lhes permita desenvolverem-se livremente segundo as suas inclinações», de forma a poderem-se realizar. Procura-se, assim, educar os alunos segundo as suas tendências e predilecções, tendo como objectivo básico que eles se desenvolvam plenamente e dêem o máximo do seu rendimento, num ambiente em que as suas personalidades actuem descontraídas. Em suma, pretende-se, pelo menos, que os alunos passem a época mais melindrosa da sua formação num meio escolar em que se sintam à-vontade e felizes, e não sob o jugo de matérias e processos para que não tenham inclinação, e que até, porventura, encarem com antipatia. Daí, a existência dos três tipos de escola secundária atrás referidos.

Não se pode dizer qual é o currículo ou a organização interna de qualquer destes tipos de escola. Isto é, não se pode dizer com rigor. Porque, a par de pontos comuns, há também grandes divergências. A organização do ensino em Inglaterra oferece-nos um quadro surpreendente pela sua variedade e complicação. É em vão que se procura a uniformidade existente na organização escolar de outros países. Não há rigidez na lei.

Pelo contrário, considera-se que a flexibilidade pode ser fonte de maior eficiência. Sugerem-se as normas gerais: os objectivos, a duração normal dos cursos, os assuntos fundamentais a ensinar em cada tipo de escola. Depois, a tarefa da organização interna e dos pormenores é produto da colaboração entre as autoridades locais e os directores dos estabelecimentos, tendo em conta vários factores, como o dos interesses da região. Os inspectores observam, criticam e aconselham. Mas não impõem directrizes a seguir.

É curioso notar que as escolas inglesas vivem em regime diferente do nosso no que diz respeito à classificação do aproveitamento dos alunos. Não existe a condição prévia dos 29 valores ao fim dos três períodos escolares, para que o aluno transite ou seja admitido a exame. Em princípio, as escolas dão informações escritas trimestralmente, e procuram manter o maior contacto com os pais dos alunos, quer individualmente quer por intermédio das Associações dos Pais e Encarregados de Educação. O aluno vai sempre transitando de ano para ano. Porém, cada ano está dividido em grupos, cada grupo englobando os alunos de aproximado nível. E ao transitar para o ano seguinte, o aluno, consoante o seu aproveitamento anterior, pode manter-se no mesmo grupo, ascender a um de melhor nível, ou baixar para um de categoria inferior. Apenas no exame final, para obtenção do diploma a que todo o inglês é obrigado, o aluno, reprovado, pode ser forçado a repetir o exame e, portanto, o ano.

António da Rocha e Cunha

A Siderurgia Nacional determinará o progresso da Industrialização do País

COMPREENDER-SE-Á a importância de que se revéste para a economia nacional o grande empreendimento siderúrgico, se se disser que o nosso País dispende anualmente, com a importação de produtos daquela indústria, mais de um milhão de contos. O equilíbrio que, da utilização do «aço português», advirá para a nossa balança de pagamentos seria, só por si, justificativo de uma obra que é, no entanto, considerada a mola real do progresso de qualquer nação.

Tal asserção possui, no nosso caso, flagrante actualidade. O aço é, tudo o faz prever, o factor que elevará Portugal ao nível dos países mais industrializados e econòmicamente desenvolvidos. E o reflexo que tal facto terá no nível de vida das populações só o futuro nos permitirá apreciá-lo perfeitamente.

Percorramos, a breves traços, o panorama que oferece o plano de industrialização actualmente em curso, ainda há bem poucos meses alvo de uma exposição lucidíssima do sr. Ministro da Economia, Eng.º Ferreira Dias. Está autorizada a construção de três fábricas de veículos automóveis: uma para ligeiros e pesados e duas só para pesados, devendo estes começar a laborar em 1961-62, com a ocupação de 800 pessoas e a imobilização de 130.000 contos. No Ministério das Comunicações, encontra-se em estudo a instalação do Estaleiro Naval de Lisboa na margem sul do Tejo, que compreenderá, além de carreiras de construção, uma grande doca seca de 250 metros, importando em mais de meio milhão de contos. Em Setúbal e Constância, estão a ser construídas novas fábricas de pasta de papel; em Alverca, ultima-se uma fábrica para a produção de ácido nítrico e nitratos; e, nos Olivais, prossegue a construção de uma outra para a produção de amoníaco e de gás a partir de derivados de petróleo.

Neste conjunto, que transformará radicalmente a fisionomia económica do País, a Siderurgia Nacional surge como a indústria base que tornará possível, pela matéria indispensável a produzir, a existência de muitas outras que, na falta do «aço português», não seria aconselhável criar. Aliás, a própria linha ascendente do consumo de aço em Portugal mostra em que medida o progresso da nação dependerá da Siderurgia Nacional. De 280.000 toneladas em 1958, as importações aumentaram para 350.000 em 1959, tudo indicando que, no corrente ano, o aumento se cifrará em dez por centro. Segundo as estimativas da Comissão Económica para a Europa, das Nações Unidas, o consumo interno deve atingir, entre 1972 e 1975, 1.200.000 toneladas.

Determinada há pouco a antecipação do início do funcionamento da Siderurgia Nacional pela necessidade de colocar a indústria o mais depressa possível a par das suas similares estrangeiras, um problema se pôs aos administradores do notável empreendimento: o da preparação de técnicos e operários que, neste País, tradicionalmente não industrial, não existem.

Encarando o problema com a energia e a coragem das soluções drásticas que ele exige — e nem de outra forma seria possível levar a cabo uma obra que exige avanço de concepções e decisão para as realizar —, a Siderurgia Nacional enviou já ao estrangeiro cerca de 150 técnicos e operários, acompanhados de suas famílias, para estágio nos grandes centros industriais. A medida, embora dispendiosa, impunha-se, pois a natureza do empreendimento não se conforma com improvisações ou soluções caseiras.

Regulamento do II SALÃO DE ARTE INFANTIL do Grupo Académico Vareiro

1 — O Salão é aberto a todas as crianças dos 4 aos 12 anos, distribuídas por 4 grupos.

Grupo A: 4,5 e 6 anos
Grupo B: 7 e 8 anos
Grupo C: 9 e 10 anos
Grupo D: 11 e 12 anos

2 — A taxa de inscrição é de 10$00 por concorrente não sócio da G. A. V. e de 7$50 para os sócios.

O G. A. V. tomará em consideração todos os pedidos de inscrição de crianças pobres, reduzindo a taxa, ou admitindo-as gratuitamente.

3 — Os trabalhos e respectiva taxa deverão ser enviados à Secção Cultural do Grupo Académico Vareiro, ou entregues na sede, em Ovar.

4 — Cada concorrente pode apresentar desenhos, pinturas ou pequenas construções, sem obedecer a qualquer restrição quanto aos materiais empregados (papel ou tintas). Para os desenhos e pinturas o formato *mínimo* é de *22×32 cm.*.

5 — A escolha das produções não é feita sobre a sua técnica (variados meios de empregar materiais), mas sim sobre as que reunam melhores características — expressivas e firmes — e evidenciem melhor psicologia e sensibilidade infantis. As crianças têm a liberdade de escolher os seus próprios assuntos e materiais de trabalho.

6 — Os desenhos e pinturas não podem ter montagem nem devem dobrar-se. No verso dos trabalhos é obrigatório apor, em letra bem legível:

a) — Título do trabalho (se o tiver); b) — Nome completo do autor e respectiva morada; c) — Idade e data do nascimento.

Para as construções, darão estes elementos em separado.

7 — Um júri, de cujas decisões não haverá recurso, seleccionará os trabalhos e atribuirá os prémios se assim o entender.

Os trabalhos premiados ficarão a constituir propriedade do G. A. V.. Os restantes serão devolvidos, nos 30 dias que seguirem a data de encerramento do Salão.

Calendário do Salão

Recepção dos trabalhos — até 1 de Dezembro de 1960. Abertura — 25 de Dezembro, às 15 horas. Encerramento — 2 de Janeiro de 1961, às 22.30 horas.

O II Salão de Arte Infantil terá lugar na sede do Grupo Académico Vareiro — Rua de Cândido dos Reis — Ovar.

Sinfonia do Outono

Poesia de Carlos de Moraes

Outono, lindo Outono, eu te bendigo,
Meu régio esbanjador munificente!
— Mais uma vez tu voltas — velho Amigo!—
Para matar a fome a toda a gente!

Louvando-te a opulência dos matizes,
Bendigo a Terra-Mãe, que em seu anseio
A's ignoradas, sôfregas raízes,
Deu o calor fecundo do seu seio!

E desta afeição terna, doce e lenta,
É que se arranca à seiva dos pomares
Todo o sabor de que é feita a ementa
Do mais variado e rico dos manjares!...

A terra é triste enquanto dura o Inverno...
—Porém, agora, ai que faustosos brilhos!...
Olha como ela, com fervor materno,
Abre o corpete e mostra o seio aos filhos!...

Pobres ou ricos, velhos ou rapazes,
Todos à uma, então, sem preconceitos,
Abrem as bocas rubras e vorazes
Para morder, para sugar-lhe os peitos!

É ver como as fruteiras de alta graça
Deixam pender seus braços generosos,
Para se darem, todas, a quem passa,
Na polpa dos seus frutos deliciosos!...

E até mesmo as que fecundaram entre
As mais rasteiras, mais humildes ervas,
Nos entregam os frutos do seu ventre
Num voluptuoso êxtase de servas!...

E há pêcegos de pele aveludada,
Rosados, carminados, penugentos,
Que nos deixam na boca consolada
Um gosto a beijos... e a deslumbramentos!...

E as maçãs, tentadoras e atraentes?
—Frescas como cantigas de arraial,
São bem na tentação as descendentes
Da maçã do Pecado Original!...

E os figos, que deviam ser de fel
Desde a traição de Judas—Deus louvado!—
São como favos do mais puro mel
Sem qualquer travo ao bíblico pecado!...

Nas pereiras, nos galhos mais franzinos,
Bem lá no topo, lânguidas, sensuais,
Bailam peras bojudas como sinos
—Sugando ainda as seivas maternais!

E as uvas de âmbar e oiro, nacaradas,
Fulgindo ao sol amigo das tardinhas,
Não lembram jóias finas, engastadas
Na paisagem folclórica das vinhas?

Pelos caramanchões das moradias
Roxos maracujás pendem tristonhos...
—Mas em compensação, há sinfonias
Na orquestração vermelha dos medronhos!

Outono!... S. Miguel!... Que lauta boda!...
—O trigo, o milho, os cereais diversos,
Na paz dos campos, pela terra toda,
São gemas que cintilam como versos!...

Outono das vindimas e debulhas,
Das desfolhadas com seus milhos-reis!...
—Canta a abundância, abarrotando as tulhas...
—Canta o mosto no ventre dos tonéis!...

....

E o sumo fresco das romãs avaras?
—Olhando-as, lembro célebre rifão
Que diz que é muito fácil ver-se as caras
Mas que é difícil ver-se o coração!

É que a romã, sangrando rubra e linda,
Dando-se à nossa sede, em abandono,
É a Primavera a reflectir-se ainda
—Saudosamente neste Sol de Outono!...

Desenho de GASPAR ALBINO

Litoral

AVEIRO, 5 DE NOVEMBRO DE 1960
ANO VII * NÚMERO 315 * AVENÇA